Uma aurora que deve romper diante do declínio do Ocidente

Xul Solar (Argentina), *Drago*, 1927.

Saudações do escritório Nuestra América do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Era 9 de maio quando Moscou se preparava para comemorar o 80º aniversário da vitória heroica do Exército Vermelho sobre o nazismo. Além de seu significado histórico, o aspecto mais interessante para estes tempos é a unidade política demonstrada neste evento pelos governos da China e da Rússia, com uma postura

fortemente crítica em relação ao Ocidente e recuperando uma história e uma narrativa comuns para a construção de um novo mundo a partir da derrota daquele projeto bárbaro. A presença dos presidentes Lula, Nicolás Maduro, Miguel Díaz-Canel e outros líderes de diferentes regiões completou o quadro do que é apenas uma amostra da aceleração dos tempos históricos na transição hegemônica global.

É justamente o compromisso com a multipolaridade, assumido pelos povos do Sul Global por meio de projetos políticos soberanos, que acelera a transição. Embora o processo de mudança da ordem global já se estenda por várias décadas, nos últimos meses a mudança tem ocorrido em ritmo vertiginoso por diversas razões. Primeiro, o declínio econômico do Ocidente parece não ter solução. A política tarifária de Donald Trump não está produzindo os resultados esperados. A indústria estadunidense está sujeita ao império das finanças e ao Consenso do Vale do Silício. Isso leva a uma tentativa constante de revitalizar a economia por meio de bolhas especulativas, seguindo as sugestões outrora apresentadas por Alan Greenspan. Assim, em termos de produtividade, o Ocidente não tem nada a oferecer. O grupo de países do BRICS+ produz atualmente 40% do PIB mundial e abriga 45% da população mundial. Além disso, os acordos comerciais, de infraestrutura, de investimento e financeiros do BRICS+ com outros países do Sul Global envolvem quase todas as regiões produtoras de matérias-primas e alimentos do mundo. Assim, diante de um Sul Global centrado no Oriente e de um modelo de desenvolvimento produtivo e inclusivo, o Ocidente continua a depender da financeirização, que apenas oferece aos povos do Sul vidas precárias, escassez de bens, instabilidade e desigualdade vergonhosa.

Ebony G. Patterson (Jamaica), *...they stood in a time of unknowing... for those who bear/bare witness* [...eles

permaneceram em um tempo de desconhecimento... para aqueles que testemunham], 2017.

Em segundo lugar, assistimos a um momento de dissolução acelerada do projeto cultural ocidental. O Iluminismo que acompanhou o nascimento do projeto capitalista ocidental deu lugar a projetos societais anticientíficos, baseados em apatia ou fanatismo de vários tipos. O Ocidente parece oscilar entre o neoliberalismo zumbi e a construção de sociedades desmembradas, com uma ruptura acentuada do vínculo social. Diante disso, as pessoas sofrem frustração constante como único resultado de viver em sociedades que não as consideram. Diante desse projeto desumanizador, o Sul Global oferece caminhos de esperança baseados na integração do conhecimento e da tecnologia humana, na modernização econômica com a humanidade em seu cerne e na cooperação política para a paz diante da crescente e indisfarçável beligerância da OTAN, como discutimos **em nosso último Dossiê**, em colaboração com o Fórum Zetkin.

Sem dúvida, a consolidação e a expansão dos BRICS+ (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos) são um fenômeno central nessa aceleração da **reconfiguração em curso da ordem mundial**. Porque, repetiremos repetidamente, a multipolaridade é um projeto pelo qual os povos do Sul Global devem lutar, não um estágio já alcançado. Essa articulação política e econômica do BRICS+, especialmente a partir da agenda proposta em Kazan, conforme trabalhada por Isabel Rauber, cria melhores condições para que o Sul Global como um todo busque uma agenda de desenvolvimento soberano, com cooperação econômica que permita romper os laços de dependência histórica com o Norte Global, que se expressam por meio de trocas desiguais, fuga de capitais, dependência do capital estrangeiro e superexploração do trabalho para garantir o funcionamento da máquina expansionista do imperialismo global.

Taller 4 Rojo (Colombia), *Vietnam o agresión del imperialismo a los pueblos* [Vietnã ou a agressão do imperialismo contra os povos], 1972.

Examinemos alguns aspectos do BRICS+ que nos ajudam a pensar a construção de um projeto multipolar

para o Sul Global (**ver nosso Dossiê 78**).

1. Hoje, como já dissemos, a maior parte do comércio global ocorre ao longo do eixo Sul-Sul. Embora o comércio da China com a Europa e os Estados Unidos continue significativo, essas porcentagens vêm diminuindo ano após ano. É por isso que a discussão em andamento, central na recente reunião do BRICS+ em Kazan, é a possibilidade de deslocar o dólar do comércio dos países do Sul. Este é um empreendimento muito importante e responde não apenas a uma necessidade política, mas também a uma realidade material: a moeda de referência global não pode ser a moeda de um país que não seja o mais produtivo em termos globais e, ao mesmo tempo, não seja responsável sozinho pela maior parte do volume do comércio global. Esta discussão foi desenvolvida em detalhes no **segundo volume do Wenhua Zongheng** （文化纵横). A possibilidade de uma moeda comum do BRICS+ e a formação de uma cesta de moedas, entre outras alternativas, estão sendo discutidas. A melhor estratégia para implementar uma mudança na arquitetura financeira e substituir o dólar ainda é motivo de debate, mas a aceleração também é evidente neste momento com a rápida e sustentada venda de títulos do Tesouro americano pela China.
   A desdolarização abre possibilidades muito importantes para o Sul Global e, em particular, para a América Latina, onde a dependência se expressa na necessidade constante de "produzir" dólares para estabilizar as economias nacionais. Isso só leva ao superendividamento, cujo exemplo mais vergonhoso é o do governo argentino de Javier Milei.

2. Por sua vez, um debate importante é como financiar estratégias de desenvolvimento soberano, com a humanidade no centro. Nesse sentido, o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) do BRICS, criado em 2015, é uma das instituições concretas mais importantes para considerar a contribuição que esse grupo de economias do Sul Global pode dar. Enquanto o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial atuam como garantidores do processo de financeirização ocidental, o NBD já desenvolveu projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável no valor de mais de US$ 30 bilhões. O mais interessante é que esta instituição inclui entre suas prioridades e tarefas estratégicas o financiamento de projetos de Infraestrutura de Transporte no Sul Global; Energia Limpa e Eficiência Energética; Água e Saneamento; Proteção Ambiental; Infraestrutura Digital; Financiamento em Moedas Locais; e Resposta a Emergências. Esses elementos marcam uma enorme distância dos objetivos do FMI como garantidor das estratégias de austeridade e combate à pobreza dos povos do Sul.Ademais, a posse da ex-presidente Dilma Rousseff como presidente desta organização em 2023 é, sem dúvida, uma excelente notícia para a nossa região. É claro que a agenda e as iniciativas devem ser moldadas pelos nossos povos e seus governos, uma vez que a presença de uma instituição financeira não necessariamente produzirá por si só mudanças estruturais em nossos países.

Linhas de Nazca (Peru), *Orca com uma faca*, 22 metros, geoglifo. Yamagata University Institute of Nasca. Descoberto com drones e IA.

3. O último aspecto que queremos destacar é o tecnológico. Hoje, o desafio à hegemonia estadunidense e a aceleração da transição estão ocorrendo porque os BRICS+, particularmente a China, têm capacidade de competir na fronteira tecnológica com o Ocidente. Em grande medida, existem setores como toda a cadeia de energia renovável em que a competição é efetivamente impossível para o Ocidente. Em um artigo interessante, **Gabriel Merino**, pesquisador amigo do nosso instituto, explica como os BRICS+, com a China na vanguarda, redefiniram a disputa pelo controle de tecnologias de ponta. O processo de transformação tecnológica e produtiva realizado por esse grupo de países permite avanços na Transferência e Desenvolvimento de Tecnologia, oferecendo alternativas aos monopólios tecnológicos ocidentais. Em relação à **Infraestrutura** e Conectividade Digital, especialmente com o investimento da China por meio de iniciativas como a Iniciativa Cinturão e Rota, ela está contribuindo para o fechamento da exclusão digital em muitas regiões do Sul Global. Por fim, isso representa um desafio à propriedade intelectual hegemônica, visto que a "insubordinação política" dos BRICS+ decorre da busca por modelos de inovação e acesso à tecnologia que não estejam completamente sujeitos à lógica de propriedade intelectual do Norte Global. Esse é um aspecto extremamente interessante para o aprofundamento de nossas agendas de cooperação Sul-Sul.

Por essas razões, para a América Latina e todo o Sul Global, os BRICS+ são um ator fundamental no projeto mundial multipolar. Como **observamos no Dossiê 51**, a multipolaridade parece ser uma oportunidade para a

região. O declínio da hegemonia dos EUA e a presença de um grupo de países que oferecem uma alternativa real à barbárie ocidental abrem novas possibilidades para rediscutir de uma vez por todas nossa agenda de desenvolvimento soberano.

Saudações a todos,

Emiliano López

pd// Nesta edição de junho, gostaríamos de fazer algumas recomendações. Primeiramente, em homenagem ao aniversário do Comandante Che Guevara, sugerimos a leitura de dois livros: o primeiro, publicado pela União de Editores de Esquerda e compilado por nosso diretor, Vijay Prashad, intitulado ***Che*** (2020); o segundo, publicado pela Batalla de Ideas, intitulado ***Che Guevara. Os Valores que Meu Pai Me Ensinou*** (2023), escrito por uma das filhas de Che, Aleida Guevara March, para crianças.

Também gostaríamos de recomendar o livro mais recente publicado pela La Trocha Editorial do Chile, intitulado *Descolonizando a Mente Palestina* (2024), escrito por Haidar Eid, com prólogo de Daniel Jadue e traduzido por Lu Barcenilla. Este livro foi escrito a partir de uma série de gravações de áudio enviadas pelo autor via WhatsApp depois que seu prédio em Gaza foi bombardeado pelas forças israelenses e ele teve que fugir com sua família para a cidade de Rafah.

Gostaríamos também de convidá-los para o Seminário Internacional "Frantz Fanon: Militância e Libertação (1925-2025)", que será realizado em Caracas nos dias 26 e 27 de junho, como parte das comemorações do centenário de Frantz Fanon, organizado pelo Centro Rómulo Gallegos de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos (CELARG). Os interessados em se inscrever devem acessar o site do CELARG: https://www.celarg.org.ve/.